

Gênero e embelezamento na educação infantil

Resumo

O principal objetivo desse artigo é apresentar como as crianças de uma escola pública se valem de algumas práticas corporais para se tornarem belas, de acordo com os padrões que predominam em seus cotidianos. Meninos e meninas preocupam-se com suas aparências e essas preocupações são influenciadas por discursos e imagens aos quais têm acesso através da mídia. Por meio dessa intensa presença de discursos e imagens, as crianças – especialmente as meninas – são encorajadas a investir na modelação de um corpo considerado ideal. No entanto, apesar de meninos e meninas se preocuparem com a aparência, as meninas almejam ter um corpo perfeito como manequins e modelos e elas investem em práticas para serem ou se parecerem com uma. Para as problematizações aqui realizadas, utilizo como referências os Estudos Culturais e de Gênero, em especial os que se aproximam da perspectiva pós-estruturalista de análise.

Palavras-chave: Infância. Gênero. Embelezamento.

Bianca Salazar Guizzo

Doutora em Educação. Professora de Graduação e Pós-Graduação na Universidade Luterana do Brasil.
bguizzo_1@hotmail.com

Para citar este artigo:

GUIZZO, Bianca Salazar. Gênero e embelezamento na educação infantil. *Revista PerCursos*. Florianópolis, v. 14, n.26, jan./jun. 2013. p. 125 - 143.

DOI: 10.5965/1984724214262013125

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724614262013125>

Gender and beautification in early childhood education

Abstract

The main objective of the present article is to show how public school children engage in specific bodily practices in order to be considered beautiful, and to fit within the hegemonic models of their everyday lives. Boys and girls are naturally concerned about their appearance, yet these concerns have been constructed under the influence of both discourse and images of every day television, magazines, internet, etc. Children – especially girls – are encouraged by this intense presence to place the construction of an ideal body at the center of their identities. Girls are concerned about their appearance, they want the “perfect body”, and engage in various practices to “seem” like a fashion model. In order to carry out the analysis, I have used as a reference basis the fields of both gender and cultural studies (and in particular post-structuralist associations) for the theoretical and methodological approach.

Keywords: Childhood. Gender. Beautification.

Introdução

O presente artigo é decorrente de algumas investigações e discussões que vêm sendo desencadeadas no âmbito do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mais especificamente no eixo temático “Infância, Gênero e Sexualidade”¹, bem como na linha de pesquisa “Infância, Juventude e Espaços Educativos” do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). O trabalho ora apresentado atrela-se às problematizações desenvolvidas em uma tese de doutorado que teve por pesquisa de campo uma escola pública municipal situada na cidade de Esteio/RS, ao longo dos anos de 2007 e 2008. Tal pesquisa foi realizada com uma turma de Educação Infantil (nível pré-escola), composta por 14 meninas e 11 meninos, na faixa etária de cinco a seis anos, pertencentes a grupos familiares de classes média-baixa e baixa. Durante a realização da investigação, distintas estratégias metodológicas foram utilizadas a fim de produzir dados para as análises. Dentre elas, merecem destaque: as rodas de conversas propostas às crianças a partir da apresentação de artefatos culturais selecionados pela professora/pesquisadora (como filmes e propagandas televisivas) e as observações feitas em seu cotidiano escolar, cujos relatos foram registrados em um “Caderno de Anotações”. É importante esclarecer que tais estratégias se tornaram viáveis à medida que, ao longo do período mencionado, atuei como professora das crianças envolvidas. Entretanto, mesmo nessa condição, todos os procedimentos éticos foram tomados a fim de permitir a participação de alunos e alunas na investigação, bem como para a utilização dos dados produzidos².

Valendo-me, então, dos dados oriundos das estratégias metodológicas acima citadas, propus-me como principal objetivo deste artigo discutir e problematizar como se têm dado na contemporaneidade as práticas de embelezamento entre as crianças. Embora hoje meninas/mulheres e meninos/homens se preocupem com a aparência, sobre

¹ O referido eixo temático é coordenado pela Professora Doutora Jane Felipe.

² Os responsáveis pelos alunos, bem como a equipe diretiva da escola, participaram de uma reunião em que o projeto de pesquisa lhes foi apresentado. Além disso, os responsáveis assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, autorizando seus/suas filhos/as a participar da investigação.

as primeiras a responsabilidade e as cobranças para se manterem dentro dos padrões de beleza vigentes ainda são bem maiores. Responsabilidades e cobranças oriundas de infinitas instâncias culturais, visuais e sociais que têm o poder de produzir, demarcar, regular e diferenciar os corpos femininos e masculinos. Em razão disso, é importante trazer à discussão quanto tem levantado a perspectiva pós-estruturalista de análise que situa o conceito de gênero nos campos aqui estabelecidos, como: estudos culturais e estudos de gênero vinculados.

Em razão disso, é importante trazer à discussão alguns entendimentos a respeito do conceito de gênero a partir dos campos teóricos nos quais esse artigo se insere, quais sejam: os estudos culturais e os estudos de gênero vinculados à perspectiva pós-estruturalista.

Butler (2003) argumenta que gênero é uma forma de regulação social. O sujeito generificado só passa a existir na medida em que se sujeita às regulações determinadas e validadas dentro de uma sociedade. A partir das declarações “é uma menina!” ou “é um menino!” inicia-se uma espécie de “viagem” em que meninos e meninas devem seguir um determinado rumo ou direção (LOURO, 2004). Na atualidade, em que tecnologias diversas avançam velozmente, sendo possível, por meio de alguns procedimentos, saber o “sexo” do bebê mesmo antes de seu nascimento, a sujeição às regulações começa a ser posta em prática por seus familiares. Como ressaltam Arán e Peixoto (2007, p. 134), em função desses procedimentos, como ecografias e ultra-sonografias:

Transforma-se o bebê antes mesmo de nascer em “ele” ou “ela”, na medida em que se torna possível um enunciado performativo: “é uma menina!” A partir desta nomeação, a menina é “feminizada” e, com isso, inserida nos domínios inteligíveis da linguagem e do parentesco através da determinação do seu sexo. Entretanto, essa “feminização” da menina não adquire uma significação estável e permanente. Ao contrário, essa interpelação terá que ser reiterada através do tempo com o intuito de reforçar esse efeito naturalizante.

Um dos rumos, como disse Louro, que as meninas, se quiserem ser consideradas “verdadeiramente” femininas, devem seguir relaciona-se à questão da beleza, da aparência, da vaidade e do corpo.

No entanto, essa preocupação, que atinge especialmente meninas e mulheres, não é aqui entendida como algo inerente e natural aos sujeitos femininos, mas como parte de um sistema histórico, social e cultural estabelecido e propagado. Vigarello (2006, p. 23) argumenta que no século XVI a “beleza [...] só se definia no feminino, combinando inevitavelmente fraqueza e perfeição [...] A beleza valorizava o gênero feminino a ponto de aparecer nela como a perfeição”.

No campo das Artes, corpos femininos já vinham sendo expostos. Séculos mais tarde, especialmente as mulheres conquistaram o direito de expor o corpo em situações cotidianas e ocupar-se dele em nome da beleza. Segundo Sant’Anna (2000), o belo – considerado um dom divino - passou a ser pensado como resultado de um trabalho contínuo sobre si, ou seja, não é suficiente nascer bonita, mas é necessário (re)construir todos os dias a beleza que já se tem ou que se almeja ter. “Nosso tempo é [...] um tempo em que importantes segmentos econômicos se sustentam fabricando e vendendo representações de determinados corpos, definidos como ‘bonitos e saudáveis’” (MEYER e SOARES, 2004, p. 6, destaque das autoras).

Na sociedade brasileira, a valorização e a simultânea preocupação com o corpo são ainda mais evidentes principalmente quando nos referimos às mulheres, pois o Brasil carrega a representação de que aí elas são, além de bonitas, sensuais. Ademais, por ser um país de clima predominantemente tropical, em todas as estações do ano os corpos estão mais expostos, são mais visíveis. Através do corpo e dos aparatos que colocamos sobre ele demonstramos muito do que somos e de como nos constituímos.

Outro aspecto importante a destacar é que, hoje, as representações atreladas ao belo/a ajudam-nos a pensar que ser gordo/a, parecer (ou ser) velho/a (entre outras características) são tomados como símbolos da feiúra, sinal de falta de força de vontade associada a baixa autoestima. Já ser magro/a, parecer (ou ser) jovem, ao contrário, é geralmente visto como algo desejável e interpretado como sinônimo de felicidade. Entretanto, cabe aqui uma ressalva: neste artigo se tratará das representações de beleza datadas e localizadas em um tempo e em uma cultura específicas. Na contemporaneidade, um determinado tipo de corpo é valorizado. Algumas características - como ser jovem, ser magro, ser branco, ser torneado, ter cabelos lisos - é que, em geral,

são tomadas como importantes para se ser considerado belo e ideal. Porém, nem sempre foram (e em certas culturas ainda não são) essas as características que prevaleceram para que alguém seja considerado belo.

Nessa direção é que é possível afirmar que “o belo” depende da estrutura social e cultural de uma determinada sociedade. Cada sociedade possui seu próprio ideal de beleza; pode-se, além disso, afirmar que o conceito de beleza depende da situação histórica, ou seja, “cada época tem sua beleza [...] o belo depende da convenção que se adote, e as convenções podem ser, foram e são diversas” (TATARKIEWCZ, 2002, p. 250). Assim como o belo, o feio “é relativo aos tempos e às culturas; o inaceitável de ontem pode ser o bem aceito de amanhã e o que é percebido como feio pode contribuir, em um contexto adequado, para a beleza do conjunto” (ECO, 2007, p. 422).

Das práticas de embelezamento na Educação Infantil

Junto à turma de crianças com as quais foi realizada a pesquisa de campo, as representações do que é ser belo na atualidade parecem ser bem-entendidas e, muitas vezes, até propagadas. Em suas falas, comportamentos e atitudes, meninos e meninas repetem discursos que circulam em locais aos quais têm acesso. Expressões como “cabelo ruim/pixaim/bombril³”, “orelha de abano/Dumbo⁴”; “leitão” para se referir ao tipo de cabelo, ao formato das orelhas e à forma do corpo, respectivamente, são recorrentemente proferidas pelas crianças quando se desentendem entre elas. Vê-se que as características hereditárias atuam significativamente, mesmo que de forma inconsciente, para posicionar as crianças. No Brasil, as heranças genéticas que incluem a cor da pele, o tipo de cabelo, a espessura dos lábios e do nariz são significadas como

³ Bombril é uma das marcas fabricantes de lã de aço mais conhecidas no Brasil e tal lã é recorrentemente comparada aos cabelos extremamente encaracolados (encarapinhados), característicos de pessoas afrodescendentes. A música “Lourinha Bombril” do grupo “Os paralamas do sucesso” utiliza-se dessa expressão para se referir a esse tipo de cabelo.

⁴ Dumbo, personagem da Walt Disney criado em 1941, chama a atenção por ser um elefantinho de orelhas enormes. No Brasil, em geral se coloca este apelido quando a pessoa possui orelhas grandes, chamadas de abano.

diferenças que importam para demarcar diferenças raciais, bem como para classificar alguém como bonito/a ou feio/a (ANDRADE, 2008).

As expressões citadas anteriormente, que denotam a ideia de que certas características físicas, nas quais algumas crianças se encaixam, estão fora do padrão na contemporaneidade, são muito mais utilizados em relação às meninas. E estas, desde pequenas, sabem disso e já se valem de determinadas estratégias para tentar disfarçar aquilo que, provavelmente, não agrada à sociedade em geral nem a elas mesmas.

#Sabrina considera suas orelhas muito grandes. Então, para escondê-las, ela nunca utiliza cabelos amarrados. Fernanda não utiliza miniblusas porque tem vergonha de sua barriga, que considera muito grande. Karen não usa seus cabelos soltos, exceto quando sua mãe os alisa # (Caderno de anotações, 12.11.2007).

Desde crianças, elas já se autorregulam e se autovigiam, achando-se feias e com vergonha de seus corpos. Elas entendem que beleza e corpo são fundamentais na sociedade contemporânea. Louro (2000, p. 69) observa que a “vigilância [...] é exercida não somente a partir do exterior, da obediência às regras, aos preceitos ou aos códigos, mas [...] é exercida pelo próprio indivíduo que, precocemente, aprende a se examinar, controlar e governar”.

As meninas não apenas procuram esconder aquilo que pensam ser seus defeitos, como também investem em práticas para se tornarem ainda mais bonitas, utilizando-se de várias técnicas para melhorar seus visuais. Com apenas cinco ou seis anos, para algumas delas é fundamental a utilização do batom. Por exemplo:

#Na hora do brinquedo livre, Talita, Gabriele e Tainá estavam maquiando-se e passando batom. Conversando com elas, Gabriele mencionou: Eu não saio de casa para vir para a escola sem batom. Eu questionei o motivo, ao que ela respondeu: porque eu fico mais bonita e todas as mulheres quando saem de casa têm que sair de batom para ficarem mais bonitas# (Caderno de Anotações, 9.4.07)

Há outras que, inclusive, utilizam produtos químicos para colorir seus cabelos:

#São duas as meninas da turma que já utilizam algum tipo de produto químico para alterar a cor natural dos cabelos. Uma delas, desde o início do ano, faz luzes loiras no cabelo que naturalmente é castanho escuro. A outra, em uma segunda-feira, chegou feliz da vida na escola, mostrando as luzes vermelhas que sua mãe havia feito no seu cabelo, que naturalmente é castanho claro# (Caderno de Anotações, 24.5.07).

Percebe-se, em função dos casos mencionados, o quanto o corpo é culturalmente significado. Ele pode ser considerado uma espécie de “local” de inscrição de significados da cultura. O exemplo do valor atribuído aos cabelos é um que cabe nessa interpretação. Os cabelos são uma das grandes preocupações e investimentos de mulheres e meninas.

Embora o Brasil seja um país com uma imensa miscigenação, o padrão de beleza mais valorizado é o branco, ou seja: cabelos lisos, compridos e claros. Não é à toa que, hoje em dia, infinitos tratamentos são oferecidos no mercado estético-capilar, como: escova progressiva, escova inteligente, escova de chocolate, escova marroquina, escova indiana, chapinha, escova tradicional, apliques para alongar os cabelos, etc.

Mulvey⁵, em entrevista concedida a Maluf, Mello e Pedro, nos auxilia a compreender este comportamento que meninas e mulheres têm utilizado na tentativa de cada vez mais potencializar a aparência de acordo com padrões hegemônicos difundidos:

[...] a imagem da mulher que circula na mídia, tornou-se um significante central, não apenas para o olhar masculino, mas para o processo de subjetivação e construção das mulheres (crianças, jovens e adultas) como sujeitos. Assim, nós vivemos um novo regime do corpo, de construção corporal, mulheres tentando se adaptar a essas imagens poderosas de beleza (MALUF *et al.*, 2005, p. 359).

Complementando essa ideia, basta analisar a infinidade de anúncios publicitários, propagandas, novelas que dizem que corpos, cabelos, formas, peles, maneiras de se vestir podem ser melhorados. Anúncios que convidam a experimentar diversificados aparatos estéticos, tecnológicos, farmacêuticos e médicos para que possamos nos aproximar dos padrões esperados. É assim que uma pesada disciplina, articulada por meios complexos, às vezes invisíveis e camuflados na nossa sociedade, regula corpos, formas, atitudes, prazeres, dores e transformações.

⁵ Laura Mulvey é uma feminista britânica, importante crítica cinematográfica. Além disso atua como professora e pesquisadora na Universidade de Londres.

Importante reconhecer que as brincadeiras desenvolvidas pelas meninas da turma de Educação Infantil podem, de alguma forma, ser consideradas técnicas de embelezamento e são relevantes como práticas através das quais elas vão estabelecendo e reforçando laços de amizade e sociabilidade.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que, em razão da preocupação cada vez mais precoce que as meninas têm demonstrado com relação à aparência, o mercado de cosméticos voltados especificamente a essa faixa etária tem crescido consideravelmente. Em se tratando de meninas mais velhas, pertencentes a classes sociais mais elevadas, já é possível falar em estratégias mais duradouras, como tratamentos capilares para fins de alisamento e cirurgias plásticas. De acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, em 2008, foram realizadas 457 mil cirurgias estéticas e 172 mil reparadoras⁶. Nesse embalo frenético em busca da beleza, muitas meninas e jovens aspiram ser aceitas em grupos sociais em função das suas características físicas. E isto se reflete diretamente no número de cirurgias plásticas feitas em crianças e adolescentes brasileiras: 21% do total de intervenções cirúrgicas⁷.

Há uma maior flexibilidade quando um menino é dotado de uma característica física fora dos padrões de beleza contemporâneos. Embora alguns meninos da turma também sejam dotados dessas características, raramente elas são salientadas em caso de brigas e desentendimentos. Até mesmo os meninos que são um pouco gordinhos se sentem no direito de chamar suas colegas, também gordinhas, através de apelidos, tais como: “leitão”, “botijão” e “baleia cor de rosa”⁸.

⁶ Chamam-se cirurgias reparadoras as que são realizadas em função de acidentes de trânsito, queimaduras e violência contra a mulher. Elas são feitas por necessidade e não por livre vontade do/a paciente.

⁷ Informações obtidas no site <http://www.cirurgiaplastica.org.br>.

⁸ Tal apelido é utilizado quando as meninas gordinhas vão vestidas com roupas predominantemente rosa. Vale mencionar que, em nossa cultura, é muito comum associar a cor rosa às meninas e a azul, aos meninos. No entanto, nem sempre foi assim. Tal associação se constituiu no século XIX, na França. Nos países ocidentais, a ideia de que o azul se ligaria à masculinidade e o rosa à feminilidade passou a ser adotada nas primeiras décadas do século XX (STEELE *apud* BARNARD, 2003).

#Rafael, um menino bastante gordinho, com frequência se dirige às suas colegas através de apelidos vinculados às suas características físicas. Muitas vezes, chama sua colega Fernanda de “baleia cor de rosa”, apesar de inúmeras vezes já termos conversado que devemos chamar os/as colegas pelos seus próprios nomes# (Caderno de Anotações, 6.8.2007).

Em relação à obesidade, vale destacar a pesquisa de Martins (2006) sobre a ojeriza que circula nos livros de literatura infantil atuais, em decorrência dos discursos que circulam na mídia impressa e televisiva, em relação aos corpos gordos, percebidos pelas crianças como feios, doentes e desleixados. Ou seja, ser gordo/a é ser visto como anormal. Ao contrário, ser magro/a constitui norma. Sobre conceitos e comportamentos considerados normais, Weeks (1999, p. 62) argumenta que aquilo que é tomado como norma - no caso, ser magro/a - não necessita “de uma definição explícita; ela se torna o quadro da referência que é tomado como dado para o modo como pensamos; ela é parte do ar que respiramos”.

Mesmo que existam alguns borramentos entre as fronteiras de gênero, ou seja, meninos/homens praticando e exercendo ações e funções tradicionalmente atreladas ao feminino (como embelezar-se) e vice-versa, as cobranças sobre os meninos/homens que não cumprem com “funções/papéis”, que histórica, cultural e socialmente foram sendo definidas como próprias para eles, são bem maiores⁹ (GUIZZO, 2007).

Sujeitos masculinos têm-se preocupado cada vez mais com a aparência, porém tal função ainda é tida, especialmente pelo discurso do senso comum, como prioritariamente feminina. Quando meninas/mulheres não estão incluídas nos padrões para serem consideradas belas, as cobranças sobre elas são bem mais fortes do que a que se exerce sobre meninos/homens que se encontrem na mesma posição.

⁹ Em cada sociedade, em cada cultura, em cada tempo são criadas e reiteradas determinadas formas possíveis e permitidas de ser e de se comportar conforme o gênero. Na perspectiva aqui adotada, dá-se muita ênfase aos aspectos culturais e sociais relacionados à construção de feminilidades e masculinidades. Louro (2000, 2004) utiliza o termo *borramento* de fronteiras de gênero argumentando que, na contemporaneidade, embora algumas funções estejam muito atreladas a determinado gênero, começam a surgir sujeitos masculinos exercendo o que em outros tempos e culturas se definia como primordialmente feminino e vice-versa. Determinadas funções já não podem mais ser tão fortemente atreladas a um gênero específico, ou seja, elas estão “borradas”; não podemos enquadrá-las nesse ou naquele gênero.

Conforme destaca Pinto (1989, p. 45), o discurso do senso comum pode ser compreendido como o que tem “a capacidade de dar sentido à vida cotidiana e uma enorme potencialidade de ser articulado a diferentes visões de mundo. É um discurso fluido [...]” e, de modo amplo, de fácil entendimento para a população em geral. Sendo assim, muitas vezes, orienta os processos educacionais, sociais e culturais por meio dos quais crianças, jovens e adultos são educados/as.

Sant'Anna (2000) nota que no Brasil, desde o princípio do século passado, poderosos investimentos, associados tanto à beleza como à saúde, foram postos em prática, especialmente em se tratando de corpos femininos. Na maioria das vezes, tais investimentos eram realizados com o objetivo principal de agradar aos homens. As práticas de embelezamento vislumbravam prioritariamente agradar o olhar masculino.

As crianças também compreendem que os padrões estabelecidos para as meninas são praticamente os mesmos para as gerações mais velhas. Apesar da pouca idade, elas costumam classificar professoras, mães, irmãs como bonitas ou feias. As representações articuladas ao “ser gorda” ou “ser magra” têm um peso importante para estabelecer o critério de beleza ou feiúra.

*#Na festa de aniversário de um dos meus alunos, a mãe dele (que está na faixa etária de mais ou menos 40 anos) estava comendo um brigadeiro. Quando ele a viu comendo, ela deu uma risada e comentou comigo: “O Diego não pode me ver comendo essas coisas; o sonho dele é me ver magra; ele tem horror a pessoas gordas”#.
(Caderno de Anotações, 24.5.07).*

Tanto a partir desse exemplo, como de algumas falas das crianças proferidas após a apresentação e posterior discussão do filme “A Noiva Cadáver”, é possível observar o quanto as crianças também incorporam os padrões de beleza impostos por nossa cultura.¹⁰ Elas sabem, por exemplo, que é praticamente inaceitável ser gordo/a.

¹⁰ Como mencionado no início desse artigo, dentre as estratégias metodológicas propostas estava a proposição de rodas de conversa a partir da apresentação de artefatos culturais. O filme “Noiva Cadáver” (cujos personagens se afastam do que é considerado belo na contemporaneidade) foi um artefato que serviu como deflagrador do debate proposto posteriormente à exibição do filme.

Sinopse do filme: O jovem Victor Van Dorst está prestes a se casar com Victoria Everglot, porém, acidentalmente, casa-se com a noiva cadáver, que o leva para conhecer a Terra dos Mortos. Embora desejando desfazer-se do mal-entendido, Victor percebe que o local é bem mais animado que o vilarejo

Após a apresentação do filme antes referido, muitas de suas falas apontaram o “ser gordo/a” como ponto negativo no que se refere à aparência de uma pessoa. Sandra, ao falar do pai de Vitória (personagem principal que dá nome ao filme), disse “[...] O pai que era feioso ... gordo, muito velho e baixinho” (12.8.2008). Leonardo opinou sobre os pais dos noivos dizendo: “[...] Dos pais dele eu não gostei ... a mãe era gorda [...]” (12.8.2008). Pedro, por sua vez, afirmou: “Todos pais eram feios. Uma mãe tinha queixo, cabelo estranho ... a outra mãe era gorda ... tinha muita bochecha [...]” (12.8.2008). Ao final da discussão, Tatiana foi enfática ao afirmar: “Não pode ser gorda, não pode ter barriga ... tem que comer coisas que não engordam” (12.8.2008).

Isto se dá pelo fato de as imagens às quais elas têm acesso apresentarem corpos magros e esbeltos, considerados modelos a seguir. Ao lado da informação, do divertimento, das horas de lazer propiciadas por tais imagens oferecidas pela mídia e pela publicidade, há também a formação dos sujeitos sociais, uma vez que elas, de certa maneira, condicionam o modo como vemos, percebemos e pensamos o mundo (WALKER e CHAPLIN, 2002).

É possível falar ainda nas indústrias dos ramos estético e alimentício, que fabricam uma infinidade de produtos que vão desde cosméticos até alimentos denominados *diet* e *light*. Em decorrência disso, independentemente da idade, o importante é ser ou estabelecer uma série de estratégias para ser magro/a, já que possibilidades para isso não faltam. Muitas dessas indústrias têm intensificado o foco no público infantil e com ele estão tendo faturamentos consideráveis e excelentes oportunidades de venda.

Relativamente ao campo voltado à confecção de produtos destinados ao embelezamento, Del Priore (2000, p. 15) salienta que “a associação [...] beleza e saúde, modelo das sociedades ocidentais, aliada às práticas de aperfeiçoamento do corpo, intensificou-se brutalmente, consolidando um mercado florescente que comporta indústrias, linhas de produtos, jogadas de *marketing*¹¹ e espaços na mídia”. Esse mercado,

vitoriano em que cresceu e viveu (Fonte: <http://www.sinopsedofilme.com.br/mostrar.php?q=243>. Acesso em: 28 st. 2010).

¹¹ Conforme o Minidicionário Houaiss (2003, p. 342), a expressão *marketing* é definida como uma “série de medidas para melhorar a difusão de produtos no mercado consumidor”.

ligado também à preocupação cada vez mais intensa das crianças com a aparência e com a produção de seus corpos, tem-se aplicado à produção de linhas cosméticas produzidas especificamente elas.

De acordo com Dal Colleto e Lanfranchi (2004), a comercialização de produtos de higiene e beleza infantis representa, no Brasil, 22% do total desse tipo de produto. Além disso, elas salientam que este segmento é responsável por 21% do faturamento do mercado infantil. Atualmente, grandes empresas como *Natura*, *Avon* e *O Boticário* têm lançado linhas como *Natura Mamãe Bebê*, *Avon Teen* e *Linha Boti*, respectivamente, que visam a atender aos/as pequenos/as consumidores/as.

Como afirmado, o ramo alimentício específico para crianças é outro que cresce. Embora as linhas *light* e *diet* voltadas ao público infantil tenham crescido nas últimas décadas, ainda se observa um grande número de crianças que convivem com o problema da obesidade infantil. Parece que há uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que, desde a infância, se exaltam corpos magros e esbeltos, existem variadas guloseimas (picolés, balas, pirulitos, pipocas, bolachas recheadas, sucos, refrigerantes, salgadinhos, etc.) disponíveis no mercado que não são nutritivas, possuem um alto teor calórico, mas continuam sendo consumidos desenfreadamente pelas crianças, apesar de elas cotidianamente ouvirem, verem e entenderem que o ideal seria comer frutas e outros alimentos mais saudáveis para alcançar o objetivo de tornar-se ou permanecer magro/a.

Nas brincadeiras de faz-de-conta das crianças, várias são as ocasiões em que as meninas assumem papéis de dançarinas, apresentadoras, participantes do *Big Brother Brasil*¹², cantoras e atrizes que estão em voga na mídia. Isto é, “o conteúdo da televisão é incorporado à brincadeira [...] usado como matéria-prima da vida de fantasia das crianças” (GIRARDELLO, p. 131, 2008).

Entretanto, cabe destacar que os personagens que elas tentam imitar em suas brincadeiras são, geralmente, mulheres jovens, bonitas, populares, que se destacam pela

¹² *Big Brother Brasil* é a versão brasileira de um reality show que acontece em diversos países do mundo. No início desse programa há aproximadamente 16 homens e mulheres maiores de idade que por um determinado período de tempo ficam vivendo em uma casa completamente isolada do mundo real. Aí, semanalmente um/a participante é eliminado/a. Ao longo do programa, eles e elas participam de provas e desafios com o objetivo de ser o/a grande vencedor/a e ganhar um milhão de reais.

beleza e pela sensualidade. Nunca foi presenciada uma situação em que as meninas tivessem optado por interpretar alguém que na contemporaneidade fosse considerada feia, velha e/ou gorda.

Considerações Finais

Representações são criadas e recriadas o todo o tempo para fixar identidades desejáveis e “normais”. As representações sobre o que é ser belo/a são reiteradamente mostradas na mídia e, desde muito cedo, compreendidas e incorporadas pelas meninas. Del Priore (2010, p. 6) diz que “a tirania da perfeição física empurrou a mulher não para a busca de uma identidade, mas de uma identificação. Ela precisa se identificar com o que vê na mídia”. Nunca, como hoje, a constituição das identidades esteve tão vinculada à aparência dos corpos. Muitas vezes, meninas e mulheres buscam aproximar-se/parecer-se com aquilo que veem. No entanto, frustram-se quando não o conseguem.

Algumas crianças com as quais trabalhei demonstravam ter vergonha do próprio corpo, valendo-se de estratégias para esconder seus “defeitos”, como a menina que tinha orelhas de abano, ou de outra que jamais ia de cabelos soltos, caso eles não estivessem bem alisados.

Num tempo em que as imagens são cada vez mais centrais, esta acelerada visibilidade deixa claro que o corpo, como imagem a ser propagada e apreciada, vem sendo por muitos/as melhorado, passível de investimentos que fazem com que os sujeitos se voltem para os cuidados de si, tendo como guia parâmetros da normalidade.

O que esses sujeitos esperam é a apreciação e a admiração por seus corpos que, ao contrário de terem sido dados por Deus – como se acreditava em outras eras –, são alvo de constantes alterações nesses tempos em que cada um/a é responsável pelo corpo que tem, ou melhor, pelo corpo que constrói. Enfim, [...] o desejo de investir nas imagens corporais torna-se proporcional à vontade de criar para si um corpo inteiramente pronto para ser filmado, fotografado, em suma, visto e admirado (SANT’ANNA, 2002, p. 106).

Atualmente, há um forte discurso que associa gordura a falta de amor próprio, a falta de cuidados consigo mesmo, a falta de disciplina e a falta de força de vontade. Há um discurso que reitera a importância de se ter bons e balanceados hábitos alimentares desde a infância, bem como praticar atividades físicas, mas daí a aparência e a preocupação com ela se tornarem uma obsessão vai um grande diferença. Se hoje é assim, pode-se afirmar que nem sempre foi assim.

Os pensamentos, os sentimentos e as ações que temos em relação aos corpos gordos não são naturais, mas produtos da operacionalização de um dispositivo da magreza que nos subjetiva e nos organiza de uma determinada forma. Como aponta Martins (2006, p. 87):

[...] a mídia participa de um dispositivo da magreza, tomado aqui como uma rede de inteligibilidade lançada sobre o sujeito gordo. Esse dispositivo tem como finalidade a produção de corpos magros – em função de uma suposta qualidade de vida, de menores gastos governamentais com problemas decorridos da obesidade, de imperativos da moda ... – e opera, dessa forma, contra o gordo, mostrado, e muitas vezes denunciando, os males de estar nessa condição.

Como ficou evidente nas opiniões das crianças em relação aos personagens gordos do filme “A Noiva Cadáver”, a aversão e a reprovação que se tem frente ao ser gordo/a são resultado das representações que circulam em inúmeros espaços sociais e culturais que o consideram disforme, doente e feio. Tais representações propagam não apenas ideias relacionadas à aparência, mas a outras características, como preguiça, desleixo e falta de autocontrole que acabam sendo “coladas” às identidades de pessoas acima do peso (Idem).

De acordo com Felipe (2005, p. 55), “o constante apelo à beleza [...] tem encontrado não só acolhida entre mulheres mais maduras, mas também entre as jovens e meninas [...] que frequentam cada vez mais cedo as academias de ginástica” ou exercem outras formas de controle sobre seus corpos, tal como iniciar uma dieta. A autora comenta como exemplo o fato de uma criança de seis anos ter pedido à mãe para só comer alface, com medo de engordar. Discursos e imagens presentes no nosso cotidiano

produzem uma “vigilância que é exercida não somente a partir do exterior, mas que é exercida pelos próprios indivíduos” (LOURO, 2000).

Esta vigilância que vem desde a infância, como procurei mostrar, se porta da mesma maneira que as discriminações e os preconceitos junto a crianças e aos dos casos citados, que criticam ou comentam sobre os que não se encaixam num padrão de beleza a ser alcançado na contemporaneidade. Nada disso pode ser desconsiderado no âmbito da educação. É importante que as temáticas que dizem respeito a gênero sejam discutidas no âmbito da formação de professores/as que pretendem atuar na Educação Infantil. Apesar do esforço legal na elaboração de Diretrizes e Referenciais Curriculares Nacionais para que essas temáticas fossem abordadas desde a primeira etapa da Educação Básica, elas – de certa forma – ainda constituem *tabus*, pois muitos professores/as, por terem tido pouco ou quase nenhum contato com tais temáticas, não se sentem encorajados em abordá-las junto ao seu grupo de alunos/as. Sendo assim, ainda há muito a avançar neste sentido.

Algumas crianças com as quais trabalhei demonstravam vergonha do próprio corpo. Ao mesmo tempo, quando se trata do “cuidado de si” o corpo ganha centralidade desproporcional. Como instância privilegiada do “cuidado do eu”, reveste-se de uma centralidade ímpar e torna-se, assim, um potente marcador social contemporâneo, passível, com frequência maior do que o desejável e o saudável, de preconceitos e discriminações. E nós, enquanto professores/as, precisamos aprender a problematizar isso.

Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. *Juventudes e Processos de Escolarização: uma abordagem cultural*. 2008. 258p. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre.

ARAN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 28, 2007. p. 129-147.

BARNARD, Malcom. *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 268p.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 240p.

COUTO, Edvaldo Couto. Uma estética para corpos mutantes. In: COUTO, Edvaldo; GOELLNER, Silvana (Orgs.). *Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 41-54.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cenários da Educação Infantil. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 30, n. 2, jul./dez. 2005. p. 165-185.

DAL COLLETO, Eliane e LANFRANCHI, Hellen. *População infantil diminui, mas ganha importância*. Disponível em: http://www.acnielsen.com.br/imprensa_r_13.htm. Acesso em: 10 nov. 2004.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC, 2000, 108p.

ECO, Umberto. *História da Feiúra*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 53-65.

FELIPE, Jane e GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. In: *Pro-posições*. Campinas, v. 14, n. 3 (42), set./dez. 2003. p. 119-132.

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, Luis Heron (Org.). *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis/RJ: Vozes, 1999. p. 167-179.

GIRARDELLO, Gilka. Produção cultural infantil diante da tela: da TV à Internet. In: FANTIN, Mônica e GIRARDELLO, Gilka (Orgs.). *Liga, Roda, Clica: estudos em mídia, cultura e infância*. Campinas: Papyrus, 2008. p. 127-144.

GUIZZO, Bianca Salazar. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na Educação Infantil. *Revista Ártemis*. João Pessoa, v. 6, jun./2007. p. 38-48.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 92p.

_____. Corpo, escola e identidade. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000. p. 59-76.

MALUF, Sônia; MELLO, Cecília; PEDRO, Vanessa. “Entrevista com Laura Mulvey”. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 2, mai./ago. 2005. 341-362.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e de ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 358p.

MARTINS, Jaqueline. *Tudo, menos ser Gorda! A Literatura Infanto-Juvenil e o Dispositivo da Magreza*. 2006. 97 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre.

MEYER, Dagmar e SOARES, Rosângela. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: ____ (Orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney ou como entender os meandros da linguagem do poder*. São Paulo: HUCITEC, 1989. 193p.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B; VEIGA-NETTO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 99-110.

SANT’ANNA, Denise. “Descobrir o corpo: uma história sem fim”. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul./dez. 2000. p. 49-58.

TATARKIEWICZ, Wladyslaw. *Historia de seis ideas: arte, belleza, forma, creatividad, mimesis, experiencia estetica*. Madrid: Editorial Tecnos, 7. ed., 2002.

VIGARELLO, George. *A História da Beleza*. São Paulo: Ediouro, 200., 247p.

WALKER, John; CHAPLIN, Sarah. *Una Introducción a la Cultura Visual*. Barcelona: OCTAEDRO, 2002. 280p.

WALKERDINE, Valerie. A cultura popular e a erotização das garotinhas. In: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, jul./dez. 1999. p. 75-88.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.

Recebido em: 21/02/2013
Aprovado em: 03/06/2013

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista *PerCursos*
Volume 14 - Número 26 - Ano 2013
revistapercursos@gmail.com